

MODERNOS PROBLEMAS MILITARES

Condensação de um artigo publicado em
Suplemento da revista "Perspectives" — Out 61,
assinado por PG.

Escritores militares franceses, como o Cel Carrias e M. Girardet, apontam as causas das deficiências do Exército francês, no passado como no presente:

- mau recrutamento dos quadros;
- insuficiente interesse pela profissão;
- medíocre instrução dos quadros, cuja elite se mostra incapaz de elaborar uma doutrina;
- insuficiente adestramento profissional.

Carrias e Girardet insistem nas três primeiras e não cabe voltar ao assunto. A quarta, porém, requer algumas explicações complementares, visto que pouco se tem dito a respeito.

Para justificar a real deficiência da instrução e adestramento do Exército francês, basta que se recorde as advertências feitas por três grandes chefes da guerra de 1914-1918:

De início é o Cel Galiény que, em 2 Jul 895, escrevia ao Cmt Liautey:

"Nossos parlamentares ignorantes julgam ter dado cabal desempenho às suas tarefas quando votam os fundos necessários ao Exército. O lado moral e a instrução lhes escapam completamente. Para que um exército tão oneroso, se não temos nem campos de manobra, nem polígonos, nem meios de instrução?"

Em seguida, é o Mar Joffre que escrevia em suas "Memórias":

"Debatendo-se há anos entre teorias extremadas, enquadrada por oficiais rebeldes a quaisquer idéias de renovação, o Exército permanece numa apatia e numa indolência absolutas.

As manobras de 1911 evidenciaram isso: a infantaria, pouco manobreira, revelou lacunas em sua instrução; frentes de ataque em desproporção com os meios disponíveis e má utilização do terreno; a infantaria e a artilharia não se preocupavam em ligar seus esforços; noções as mais elementares de cobertura eram desconhecidas; as diferentes armas ignoravam profunda-

mente as necessidades e possibilidades umas das outras. O alto comando carecia de unidade de vistas; a cada instante, "instruções particulares" comentando, segundo o temperamento dos chefes que as redigiam, os regulamentos de manobras".

Finalmente, em seu livro — "A Guerra e os Homens" publicado em 1936, o Gen Debeney escreveu que, antes da guerra de 1914, na França, ... "a instrução da tropa se fazia de um modo muito precário, em terrenos de guarnição inadequados e em raros e limitados campos de instrução. Na Alemanha, ao contrário, os campos eram numerosos e vastos, os terrenos de guarnição e campos de tiro bem aparelhados, permitindo conduzir a instrução tática em boas condições".

E não se deve julgar que as coisas tenham melhorado entre as duas guerras, com o tempo de serviço reduzido para um ano e o material consideravelmente complicado, enquanto que os quadros já não valiam os de 1914, sem que houvesse aumento de meios de instrução (campos, polígonos, etc.), sempre insuficientes.

Mas, há outras causas, próprias da época agitada em que vivemos, que tendem a tornar o Exército ainda mais mediocre do que o de entre as duas guerras, conjugando-se tôdas elas para tornar cada vez mais difícil o recrutamento dos quadros e diminuir o seu valor intelectual e moral, fazendo com que a indispensável reforma da Defesa Nacional se torne uma tarefa, se não impossível, ao menos muito delicada e demorada. Ora, uma das primeiras dificuldades é certamente a mentalidade dos jovens.

Recentemente, o Exército francês procedeu a uma investigação para determinar as causas pelas quais alguns jovens escolhem a carreira das armas e para conhecer sua opinião sobre diversas questões atuais. Os resultados obtidos são muito importantes e devem orientar o modo como os quadros devem ser recrutados e instruídos. A "Revue de Défense Nationale" — Fev 61, publicou um resumo da investigação, onde se pode ler:

"Em resumo, os candidatos a Saint-Cyr—História e, sobretudo, Línguas — se apresentam como futuros combatentes, militaristas, cheios de ideal patriótico, mas em oposição a qualquer perspectiva de atividade técnica. Os candidatos às Escolas Naval e do Ar, também cheios de ideal, mas bem menos militaristas e um pouco menos avessos à Técnica. Aproximando-se a estes, estão os candidatos a Sint-Cyr—Ciências, menos animados, porém, da idéia de "servir". O espírito militar decresce ainda, nitidamente, entre os candidatos à Naval, bem como, de um modo mais atenuado, o ideal patriótico, sem que por isso aumente o gosto pela Técnica. Finalmente, nos candidatos à Aviação observa-se um pouco mais de desejo de especialização técnica e um recuo no "ideal patriótico".

No conjunto dos candidatos, observa-se uma associação variada, mas, freqüente, do ideal patriótico, do gosto pelo combate e do "espírito militar" em nítida oposição ao desejo de especialização técnica e à aspiração de estabilidade profissional".

... "Constata-se, pois, entre muitos candidatos, a existência de um idealismo militar e patriótico, em oposição à especialização técnica. Essa atitude é marcante entre os candidatos de opções literárias de Saint-Cyr—Ciências e da Escola Naval; inversamente, entre os candidatos à Aviação, o desejo de especialização técnica prevalece sobre as motivações puramente militares".

"De sorte que se pode perguntar se, na perspectiva da criação de uma moderna Fôrça Armada, o recrutamento dos futuros oficiais não levará o Alto-Comando ao dilema: — Virtudes militares clássicas, ou capacidade técnica? Se os futuros oficiais se fixam numa atitude altamente idealista e militar e repudiam a idéia de especialização científica, eles estarão aptos, sem dúvida, a fazer face a uma guerra subversiva; mas, quais serão suas possibilidades de adaptação numa fôrça de ataque da era atômica?"

É certo que nem tudo é mau nessa evolução do espírito dos candidatos, mesmo na divergência de suas opiniões. Será preciso, entretanto, ordená-las e tentar uma orientação, se não para uma síntese global, ao menos dando a cada categoria um pouco do que lhe falta, a fim de formar oficiais possuidores dos conhecimentos indispensáveis na profissão e um elevado ideal patriótico; sem o que não será possível um verdadeiro exército moderno.

* * *

Numa outra ordem de idéias, a orientação dada à política de há uns três anos a esta parte, não é de molde a melhorar o atual estado de coisas.

A orientação da política exterior no sentido da integração européia não favorecerá em nada o espírito de patriotismo, sendo pouco provável ver a Nação e o Exército se entusiasmarem pela defesa de Berlim, cidade prussiana, enquanto tranqüilamente se abandona Argel, cidade francesa. De que vale um exército sem ideal, ou sem patriotismo?

A política de abandono e de concessões, caracterizada pelo desaparecimento do Império francês, e o abandono da Argélia não trarão o dinamismo desejável, havendo poucas ensanchas de atrair as elites para a carreira militar — porque o espírito de abandono é uma doença contagiosa.

O espírito de aventura, que a tantos jovens atraía, tende a desaparecer com a liquidação do Império, com a liquidação da Aviação e segurança dos aviões, pois a aventura espacial não pode ainda despertar o entusiasmo da juventude.

A presente crise militar, mesmo que não deva durar eternamente, sob a forma aguda atual, deixará sem dúvida resíduos duráveis, o mais grave dos quais será, talvez, um alto-comando desunido e sem caráter.

Assim, tudo concorre para dificultar um bom recrutamento, um espírito de compreensão e de concórdia entre os quadros e o desenvolvimento intelectual destes. E mais: há o forte risco de se criar um exército sem nervos, pela aplicação da atual política exterior, nova forma de contradição que já tanto mal fez à França.

* * *

Do que vem de ser dito, resulta que há uns quantos imperativos exigindo solução, a qual por certo existe. Por exemplo:

1. AUMENTAR O INTERESSE PELA PROFISSÃO

Certamente, nem todos os candidatos às escolas militares poderão ascender aos mais altos postos do Exército. Mas, por outro lado, é anormal — e atualmente mais do que nunca — ver jovens oficiais dotados de alta capacidade intelectual, com importantes estudos feitos durante longos anos, em estagnação por mais de vinte anos em postos subalternos, o que provavelmente acontecerá após a campanha da Argélia, como após qualquer guerra.

É de pasmar ver-se, por exemplo, um major recém-diplomado pela Politécnica, ter o seu ingresso recusado no quadro das promoções por ser ainda jovem, ao mesmo tempo que um seu colega de turma se vê feito Presidente do Conselho... Demais, um longo estágio em postos subalternos leva fatalmente, e quando menos, à depressão, à resignação, à ociosidade, ao medo da responsabilidade, à falta de iniciativa, tôdas essas coisas que devem ser combatidas o mais enérgicamente possível (1). Não será com a mentalidade de escravos que se há de fazer um exército poderoso, um exército que pensa. Há que escolher entre um exército de segunda ordem, apagado, resignado e cético, tão inútil quanto oneroso, capaz de nos levar a novas derrotas, e um exército intelectual e fisicamente dinâmico, do qual o Poder nada terá que temer, desde que governe inteligente e conscienciosamente, correspondendo aos anseios de uma nação esclarecida e não enganada pelo "soberano poder", tão frequentemente em mãos pouco dignas, em nossa História (A. de Vigny).

(1) Em 1880, dizia Bonaparte a Roederer: "Um homem que durante 40 anos foi piloto (Marinha Mercante) não serve para o comando de um navio. Quem durante 40 anos não fez outra coisa senão obedecer, não está apto ao comando. A esse respeito, penso diferente dos que dizem que, para comandar, é preciso saber obedecer. Julgo que não se deve dar o comando a um homem que, quando não é comandado, não faz outra coisa senão dormir."

Para evitar um exército sem valor, é preciso criar duas categorias de oficiais: — uma elite relativamente pouco numerosa, que passará rapidamente pelos postos subalternos: coronel aos 35 anos, geral aos 40, a escolha em função de observações feitas nas diversas funções exercidas e nas escolas (de Base, de Estado-Maior, de Guerra, etc.), observações que terão em conta os exames psicotécnicos, de modo a evitar o mais possível a mentalidade de “mandarim” ou de bom aluno, e a promover os mais capazes de mostrar iniciativa, imaginação e caráter, qualidades estas que os exames clássicos não permitem revelar. Os que não puderem ir pela via mais rápida — muitos dos quais serão também inteligentes, sem possuírem, porém, as qualidades de chefe, — deverão poder se reformar a partir dos 15 anos de serviço, sendo aproveitados pelo Estado nos múltiplos órgãos da administração, ou nas indústrias nacionalizadas (2), sob a condição de um exame especial dos cursos especializados (2), devendo ser-lhes proporcionadas certas facilidades para se prepararem. E mais ainda: esses lugares deverão ser-lhes reservados com prioridade, o que deve ser normal, pois esses oficiais terão sobre os jovens as vantagens da experiência e da liderança.

Algo de semelhante deve ser previsto para os suboficiais.

Tudo isso deveria constituir matéria de novos estatutos dos militares. Essas e muitas outras coisas deveriam ser incorporadas, de modo que tais modificações concorressem para melhorar o recrutamento dos oficiais, rejuvenescimento e transformação do espírito dos quadros. Tais medidas deveriam ser de aplicação normal, e não em circunstâncias particulares, o que seria pior do que o pretendido benefício. Seriam tomadas com cautela, de modo a não determinar o afastamento dos jovens de uma carreira onde reinasse a arbitrariedade.

2. MANTER NO EXÉRCITO O GÓSTO PELO TRABALHO INTELLECTUAL

O cálculo dos efetivos de oficiais deve ser feito com boa margem, de modo a ter um número suficiente deles nas escolas e nos centros de estudos ou experiências técnicas, táticas e estratégicas, seja como professores, instrutores ou alunos, sem prejuízo do funcionamento e adestramento das Unidades, como se faz nos grandes exércitos modernos (3).

(2) O que facilitará a ligação Exército-Indústria, favorecendo a Defesa Nacional. Alguns oficiais poderiam exercer o professorado, passando sobre certas exigências, facilitando a ligação Exército-Universidade.

(3) Em seu livro “Porquoi d’Armée rouge a vaincu”, escreveu o Gen Guillaume, ex-Chefe do EM da Defesa Nacional: “A multiplicidade das escolas e academias parece ser o traço característico da formação no Exército vermelho. Pode-se dizer sem exagero que os oficiais passam metade da sua carreira nas escolas”.

Outrossim, deve-se encorajar os oficiais da ativa a escrever nas revistas militares ou civis, sendo-lhes permitido sustentar suas idéias. Isto proporcionará um livre confronto de opiniões, fonte de todo progresso e possibilidade de esclarecimento.

3. REVER A FORMAÇÃO PROFISSIONAL

É às escolas que, mediante estudos aprofundados e revisão de seus programas, cabe sanar as falhas que Carrias e Girardet denunciaram. Tais estudos e reformas se impõem, evidentemente, e deve-se insistir num assunto: a necessidade absoluta de manter no Exército um ideal de patriotismo altamente elevado, e um espírito de abnegação para com a pátria (Não é o que se dá no Exército vermelho?). É importante que a instrução seja orientada com prioridade, nesse sentido, particularmente entre os que se dedicam principalmente à Técnica. A instrução, que permite moldar o espírito dos jovens, deve permitir encaminhar suas tendências no sentido desejável. Um dos meios eficazes de aplicação de tais medidas é o estudo da História Militar, mas tôdas elas se impõem para que o Exército represente, acima de qualquer política, os páramos do patriotismo francês.

CONCLUSÕES

As obras do Cel Carrias e de Mar Girardet mostram a necessidade de uma intensa atividade intelectual dos quadros e de uma doutrina, para a eficácia da Defesa Nacional. Esses autores apontam as causas que impedem o desenvolvimento dessa atividade no Exército francês.

O próprio autor dêste artigo mostra que as modificações necessárias estão condicionadas a uma reforma preliminar visando ao recrutamento, à formação e à reestruturação mesma do Exército francês.

Tudo isso é muito importante, pois as críticas e louvores que se fazem ao Exército podem ter segundas intenções e são, por isso mesmo, igualmente perigosas. Uma defesa cega e sistemática — amplamente justificada quando se trata de desinterêsse e devotamento do Corpo de Oficiais — pode se tornar inoportuna se não leva em conta o indiferente declínio militar, impedindo, assim, a necessária reforma que as circunstâncias tornarão muito mais delicada e difícil, para o futuro. Por outro lado, a crítica sistemática, tão freqüente nestes tempos — por parte de quem não conhece o Exército, mas o teme de um modo um tanto ridículo, e procura demolir o que existe, sem pensar na necessária reconstrução — apesar do seu exagero, por ser, na maioria das vezes, mal informada, pode trazer no bôjo a necessária reforma.

— Os povos se sentem seguros quando experimentam essa sensação de potência que emana de uma força efetiva e moral. Essa é a das Fôrças Armadas.